

Fugindo do fogo

Arindom Chowdhury / Dreamstime



Incêndios: a fuga pode ser rápida, mas a queima da vegetação nativa traz impactos severos

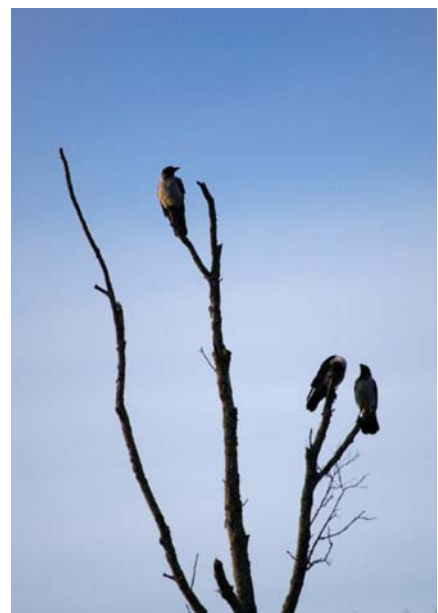
As queimadas têm assolado vastas áreas no Brasil e estão intensas neste ano. O Cerrado e a Amazônia são dois biomas particularmente suscetíveis aos incêndios criminosos e milhares de hectares foram destruídos apenas nas últimas semanas. No rastro de destruição causado pelo fogo, verificamos uma imensa perda de diversidade, com milhares de aves morrendo ou perdendo áreas de alimentação, abrigo e nidificação, tornando ainda mais complicada a conservação de muitas espécies que habitam as formações abertas brasileiras

Por LUÍS FÁBIO SILVEIRA

As queimadas sempre existiram. O bioma Cerrado, por exemplo, lidou com esse fenômeno durante a sua evolução. As árvores, arbustos e capins desse bioma apresentam várias adaptações para lidar com o fogo que ocorre naturalmente durante a estação seca. Entretanto, atrás dessa afirmação se esconde um detalhe: estamos falando aqui de incêndios naturais, na sua maioria causados por raios que antecedem as chuvas do início da estação chuvosa, em

meados de setembro. Ou seja, o Cerrado pode, sim, conviver com o fogo, mas ele em geral é de curta duração e é apagado rapidamente pelas pesadas chuvas que vêm logo em seguida e que promovem a rebrota vigorosa da vegetação.

O mesmo acontece na Amazônia e na Mata Atlântica. Incêndios florestais naturais não são incomuns, ocorrem em áreas reduzidas e podem ser também rapidamente controlados, com um impacto pequeno dentro dos biomas. Em anos especialmente secos, como este de 2010, áreas nas bor-



ANAP / StockPhoto

Descaracterização dos ecossistemas: há um empobrecimento e simplificação generalizados das comunidades de aves



Daddyfrit / iStockPhoto



Aves que habitam os campos, como as Emas: entre as que mais sofrem com as queimadas

das dos biomas (as chamadas zonas de contato ou ecotonais) sofrem bastante com a seca, ficando especialmente vulneráveis aos incêndios.

Milhares de incêndios criminosos

Entretanto, o que acontece em 2010 se aproxima de uma calamidade ambiental. Além de enfrentarmos uma estação seca especialmente severa, o que deixou a vegetação particularmente susceptível ao fogo, vimos mais de 30.000 focos de incêndio criminosos se espalharem pelo centro e norte do Brasil, dizimando uma área de milhares de hectares e, pior, atin-

gindo duramente milhares de áreas preservadas em unidades de conservação tanto no Cerrado quanto na Amazônia.

Reflexos nas aves

O que as aves têm a ver com tudo isso? Ao contrário de anfíbios, répteis e pequenos mamíferos, elas podem voar e, em boa parte dos casos, escapar rapidamente dos incêndios. Ou seja, teoricamente, o impacto direto dos incêndios nas aves tende a ser menor. Entretanto, a queima da vegetação nativa traz consequências que as impactam severamente em diversos aspectos.

Aves campestres como Inhambus (destaques da Cães & Cia 374) e Emas sofrem com a perda das gramíneas, as quais não só proveem abrigo e local para ninhos, mas também lhes fornecem a principal fonte de alimento. Inhambus e Perdizes preferem correr a voar. Como não são bons voadores, eventualmente podem perecer durante os incêndios por não conseguirem escapar a tempo. O mesmo acontece com outras aves como Saracuras e pequenos passarinhos de baixa capacidade de dispersão e fuga. Como os insetos não conseguem escapar, aves insetívoras também ficam sem a principal (às vezes, única) fonte de alimento. E daí precisamos esperar pela recomposição da vegetação, o que vai ocorrer apenas após o início das chuvas, em meados de setembro.

Mas os problemas das queimadas não acabam aí. Em períodos de seca extrema, o fogo se espalha facilmente pelas matas, incluindo as florestas de galeria nas margens dos rios e córregos.

Com isso, muitas árvores são queimadas, levando consigo locais para nidificação de aves como Araras, Papagaios e Pica-Paus, o que impede a reprodução dessas aves por prolongados períodos de tempo, pois necessitam de árvores com ocos com diâmetro suficiente para nidificar. E aí se esconde um problema ainda maior. Como Papagaios e Araras retornam às áreas com árvores queimadas, ficamos anos a fio observando casais nesses locais, acreditando que ainda estão bem conservados por ver as aves ali.

Mas, na verdade, elas não se reproduzem e vão acabar morrendo sem deixar descendentes. Além disso, com as matas ciliares queimadas e com o solo descoberto, agrava-se o problema de assoreamento (obstrução causada pelo acúmulo de areia ou terra). Logo nas primeiras chuvas, uma imensa quantidade de solo, antes protegido pela vegetação, é carregada para dentro dos rios. Ou seja, o prejuízo não é só das aves e dos outros animais, mas também dos seres humanos, de suas plantações e das criações.

Descaracterização dos ecossistemas

A situação tende a entrar em uma espiral de problemas ambientais. Rios e córregos assoreados acabam prejudicando a fauna de animais aquáticos. A falta de água compromete a viabilidade das matas ciliares, que, já queimadas, recebem mais sol e ficam mais vulneráveis à entrada de gramíneas e se tornam capoeiras ou algo parecido a uma pastagem com árvores esparsas. E, claro, há um empobrecimento e simplificação generalizados das comunidades de aves, onde só sobrevivem aquelas com alta tolerância a ambientes muito degradados, como o que vemos nas pastagens do interior brasileiro. Os incêndios criminosos (incêndios naturais acontecem apenas no início da estação chuvosa e são de curta duração, localizados e de um relativo baixo impacto) não causam prejuízos apenas a curto prazo. Suas consequências podem ser sentidas por muitos anos. E continuamos a assistir ao processo acelerado de descaracterização dos nossos ecossistemas e, junto com eles, das nossas aves.

A chuva ainda vai demorar para cair sobre o Centro Norte do Brasil. Enquanto isso, milhares de focos de incêndio criminosos ainda estão ativos e outros milhares surgirão nos próximos dias. Podemos esperar uma temporada reprodutiva com baixo sucesso por falta de alimento, de local para nidificação e de criação dos filhotes, além de uma piora no nível e na qualidade da água (o que nos afeta diretamente), por causa da perda das matas ciliares. Definitivamente, 2010 não está sendo um bom ano para a avifauna do Centro Norte do Brasil.



Stepanizek / BigStockPhoto



Psitacídeos: bastante afetados pelas queimadas, perdem os locais de nidificação

Luis Fábio Silveira é professor do Departamento de Zoologia da Universidade de São Paulo, com doutorado em Ciências Biológicas (Zoologia); curador associado das coleções ornitológicas Museu de Zoologia da USP; editor-chefe da Revista Brasileira de Ornitologia; membro do Comitê Brasileiro de Registros Ornitológicos (CBRO); pesquisador associado da World Pheasant Association (UK); autor de oito livros sobre aves e de dezenas de artigos científicos publicados.

